

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXVI Seminário de Iniciação Científica

O PAPEL FEMININO ATRAVÉS DOS TEMPOS A PARTIR DO ESTEREÓTIPO DE GÊNERO: UMA PESQUISA BIBLIOGRÁFICA¹
THE FEMALE ROLE THROUGH THE TIMES FROM THE GENDER STEREOTYPE: A BIBLIOGRAPHIC RESEARCH

Fernanda Espindola Allegretti², Ana Paula Kravczuk Rodrigues³, Carolina Baldissera Gross⁴

¹ Trabalho realizado a partir de grupo de leitura sobre o feminino

² Acadêmica do Curso de Psicologia da Unijuí

³ Egressa do curso de Direito da Unijuí

⁴ Docente do curso de Psicologia da Unijuí

INTRODUÇÃO

A representação do feminino perante a sociedade sempre foi dualista, e seu lugar social foi moldado a partir das opiniões do sexo oposto sobre suas atitudes e representações, as mulheres não tinham voz e nada podiam fazer além de aceitarem seu destino perante os detentores do poder patriarcal.

O regime patriarcal se sustenta em uma economia domesticamente organizada, sendo uma maneira de assegurar aos homens os meios necessários à produção diária e à reprodução da vida. Ele se estabelece como um pacto masculino para garantir a opressão de mulheres, as quais tornam-se seus objetos de satisfação sexual e reprodutoras de seus herdeiros, de força de trabalho e de novas reprodutoras (SAFFIOTI, 2004, apud, CUNHA, 2014, pág. 6)

Historicamente a mulher tem sido vista como uma acompanhante para o homem, seu papel era entreter e servir, assim como um objeto inanimado e não um sujeito com sentimentos e desejos. Essa posição secundária é datada desde milhares de anos, o discurso religioso reafirma o lugar inferior para a mulher. Tomando, por exemplo, o catolicismo e sua teoria de criação de Adão e Eva, é possível compreender o papel da mulher, segundo as passagens bíblicas ela vem cumprir o papel de companheira, de alento para os dias difíceis do homem; neste sentido, já nasce na posição de dependência, visto que sua gênese remete à costela do homem.

Ainda em relação ao discurso advindo do catolicismo, a mulher não é reconhecida como sujeito individual, com posicionamento e ideias próprias, mas com a doçura e a candura de quem está pronta para servir ao seu senhor (LOPES, 2010, pág. 98, apud, SILVA, 2011, pág. 3.). Durante o texto bíblico conta-se a história de como Eva com sua curiosidade desobedece as regras e seduz Adão para que este transgrida os mandamentos do criador, desta forma aos dois é infligido um castigo: à mulher, fica designado sofrer as dores do parto e submeter-se ao homem enquanto sua espécie existir; ao homem, é atribuído o aprendizado da dominação dos meios naturais com seu

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXVI Seminário de Iniciação Científica

esforço e trabalho, para que desta maneira possa sustentar sua esposa e seus filhos. Faz-se necessário retomar a história da criação sob a perspectiva católica para que seja possível compreender a construção dos lugares de homem e mulher no contexto social. Contudo, estes problemas relacionados ao gênero não constam somente no catolicismo, mas sim em praticamente todas as religiões conhecidas, existem muitas variações entre elas, em algumas a mulher é cultuada e reconhecida como deusa, porém sua santificação provém do ato de parir ou por meio do casamento com um deus.

METODOLOGIA

O presente trabalho teve origem a partir do grupo de leitura sobre o feminino, o qual ocorreu durante os meses de Abril e Maio de 2018. O estudo caracteriza-se como uma pesquisa bibliográfica. A pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, permitindo ao pesquisador ampliar seu conhecimento acerca da temática estudada.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nos mitos as mulheres são relatadas como doces, encantadoras, bondosas, frágeis, tais como: Afrodite e Héstia, fazendo contraste com aquilo que se tornam caso sejam contrariadas ou dispensadas por qualquer homem, vingativas (Medusa, as fúrias, Hera), feiticeiras e seres que seduzem para fins de aniquilação ou prazer carnal, como citado por BULFINCH (1796/1867).

Durante muito tempo se afirmou que a mulher não tinha valor social, sua função era baseada em cuidar da família, manter os filhos saudáveis e servir ao homem, Platão considerava que as mulheres eram reencarnações dos homens covardes que não tiveram força suficiente para ter acesso ao conhecimento numa vida anterior; para Hipócrates a semente feminina era mais fraca e o corpo feminino serviria apenas como abrigo para a semente forte masculina. Aristóteles complementou a ideia de inferioridade do corpo feminino ao afirmar, a partir de dados obtidos em estudos de medição dos animais, que as fêmeas possuem o cérebro menor e que seus corpos seriam uma deformação do corpo masculino (COLLING, 2004. apud, HEINZELMANN, 2011).

Ao referir-se a submissão ao sexo masculino deve-se lembrar que a mulher era controlada pelo pai e por seus irmãos, e em relação ao casamento eram feitos acordos muitas vezes sem as moças sequer conhecerem o futuro esposo de antemão. Estes acordos eram feitos pelos patriarcas das duas famílias e na maioria das vezes envolviam dinheiro, terras ou interesses políticos, sendo as mulheres uma moeda de troca, ensinadas a manter os bons modos perante ao esposo já que, caso não agradassem este, além de serem humilhadas publicamente, o nome da família ficaria "manchado".

Porém, não só na religião católica a mulher ocupava o lugar de objeto, o artigo 415 do Código de Manu, lei da antiga Índia cita "a mulher durante a sua infância depende do pai; durante a mocidade do marido; morrendo o marido, dos seus filhos; se não tem filhos, dos parentes próximos

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXVI Seminário de Iniciação Científica

de seu marido; porque uma mulher nunca deve governar-se à sua vontade” (COULANGES, 1919, apud, MAGALHÃES, 1980, pág. 3).

Entender o gênero como uma construção cultural, implica superar os binarismos baseados no sexo, isto é, nas diferenças físicas e biológicas entre macho e fêmea, que opõem o feminino ao masculino, geralmente não em um plano de igualdade, mas sim em uma ordem de hierarquia (SCOTT, 1990, p. 13).

Ao adentrar na adolescência, a sexualidade feminina é deixada mais uma vez de lado, devendo o corpo ser coberto e a constante vergonha de se reconhecer como ser sexual se instala na alma e no corpo da mulher, pois culturalmente devem preencher o papel reprodutor e casto. Logo, o discurso sexual é negado, pois o prazer será visto como algo “não puro” e transgressor. O corpo feminino só é útil quando moldado aos costumes patriarcais, se encaixando em estereótipos de submissão construídos a partir do medo de repressão. (FOUCAULT, 1990).

Os homens daquela época associaram à figura de suas esposas, a de doces bonecas de porcelana que eram incumbidas do cuidado e da organização de sua família e do seu lar; satisfaziam apenas as necessidades mais básicas, pois se deliciavam em prazeres quando recorriam aos serviços de uma prostituta, privando as mulheres do exercício de sua sexualidade e conservando, assim, dicotomizada a imagem doce da boa mãe, a santa mulher. (EMIDIO, 2008).

A esposa era proibida de sentir prazer, pois o sexo era tido somente para fins de procriação, desta forma, o matrimônio era uma instância sagrada e obter prazer sexual deste era algo mundano, segundo CAVOUR (2011) o prazer sexual masculino ficava a cargo das negras escravas e das prostitutas, e, a esposa era proibido sentir tal prazer já que o sexo cabia somente a reprodução. Portanto as esposas deveriam aceitar as relações extra conjugais de seus maridos com as escravas e as prostitutas, pois ao homem era permitido o prazer carnal.

Já as mulheres que não se encaixavam nesse modelo, seja por classe econômica ou por ter sofrido algum abuso e com isso perdido a virgindade, eram o resto, a escória da população, as prostitutas. Essas mulheres tinham como função social satisfazer as necessidades e impulsos sexuais masculinos, protegendo a moça virgem de possíveis estupros ou violações, sendo consideradas pela sociedade e pela igreja como um mal necessário.. (PEREIRA, 1968, apud, CAVOUR, 2011)

Historicamente o feminino manteve-se vinculado com a questão da maternidade, uma de suas “funções”, além de cuidar da casa, estaria ligada a gerar crianças saudáveis e de boa educação, Sigmund Freud (1925) cita que mulher só se tornaria um ser completo após a maternidade, principalmente se tivesse um filho do sexo masculino, neste sentido, a sociedade reafirma a todo tempo que a menina nasce com um extinto materno e seria seu destino ser uma mãe carinhosa, amorosa e que vive para sua família.

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXVI Seminário de Iniciação Científica

Sob a percepção de um corpo exposto a medicalização, princípios morais, religiosos e sujeitamentos, a luta de mulheres se concentra na livre escolha da maternidade (questões de contracepção e aborto) e nos questionamentos sobre os desdobramentos da sexualidade (além do modelo de família conjugal heterossexual) e a violência de gênero.

Ao pensar nestes pontos, o feminismo teve como meta separar a sexualidade feminina da procriação. Com ajuda do avanço médico as mulheres tiveram acesso a meios contraceptivos eficaz por meio da pílula e do DIU e, então, a meta passou a ser a politização do discurso para quebrar a dominação masculina que o estruturava. O discurso feminista rebelou-se contra o lugar dito biologicamente correto que foi dado às mulheres, tanto no meio privado quanto no público. (SCAVONE, 2012).

Além disso, as práticas disciplinares de feminilidade da sociedade ocidental contemporânea atuam sobre os e nos corpos das mulheres, de forma a tentar torná-los dóceis e a discipliná-los de forma translucidamente distinta da domesticação dos corpos dos homens. (FOUCAULT, 1997).

Pensar desta forma requer compreender os conceitos de gênero e sexualidade, como construções históricas e não dados naturais, algo já proposto há 70 anos por Simone de Beauvoir (1980)(WERMUTH; NIELSSON, 2016). Qualquer variação das proposições dadas pelo sistema sexo/gênero colocará os sujeitos dissidentes na marginalidade, tendo a sua disposição os mais diversos estigmas relacionados às sexualidades e as expressões de gêneros, que se intensificam mais ainda quando se compõe com outras categorias, como classe social, raça e etnia, geração, enfim, com a violência estrutural.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Torna-se de extrema importância compreender, pelo exposto, esta nova fase da representação do feminino em um contexto social e as novas fontes de gratificação da mulher contemporânea, insubordinada a um possível chamamento biológico e imperativo social, que escolhe outros objetivos, outros estilos de vida que não passam necessariamente pela maternidade (ORSOLIN, 2002), indo muito além dos muros de casa que, por tantos anos, apresentavam-se como intransponíveis.

Palavras-chave: Feminino; Gênero; História.

Keywords: Female; Gender; History.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BEAUVOIR, Simone. O Segundo sexo-fatos e mitos; tradução de Sérgio Milliet. 1980.
- BULFINCH, Thomas. 1796/1867. O livro de ouro da Mitologia: Histórias de Deuses e Heróis. Editora Ediouro. 2006
- CAVOUR, Renata Casemiro. 2011. Mulheres de Família: Papéis e Identidades da Prostituta no Contexto Familiar. Disponível em: http://www.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/0912457_2011_pretextual.pdf Acesso em: Junho/2018
- CUNHA, Bárbara Madruga. 2014. Violência contra a mulher, direito e patriarcado: perspectivas de combate à violência de gênero. Disponível em: <http://www.direito.ufpr.br/portal/wp-content/uploads/2014/12/Artigo-B%C3%A1rbara-Cunha-classi>

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXVI Seminário de Iniciação Científica

ficado-em-7%C2%BA-lugar.pdf Acesso em: Junho/2018

EMIDIO, Thassia Souza. 2008. Diálogos entre feminilidade e maternidade: um estudo sob o olhar da mitologia e da psicanálise. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/97602/emidio_ts_me_assis.pdf?sequence=1

Acesso em: Junho/2018

FOUCAULT, M. História da sexualidade I: A vontade de saber (7a ed.). Rio de Janeiro: Graal, 1990.

FREUD, S. (1976). Algumas conseqüências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 19, pp. 303-320). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1925.)

HEINZELMANN, Fernanda Lyrio. 2011. Corpos que desfilam: imagens de moda e a construção de padrões de beleza. Disponível em:

<http://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/4806/1/000430613-Texto%2bCompleto-0.pdf>

Acesso em: Junho/2018

MAGALHÃES. Teresa Ancona Lopez de. 1980. O papel da mulher na sociedade. Disponível em:

<http://www.revistas.usp.br/rfdusp/article/viewFile/66895/69505> Acesso em: Junho/2018

ORSOLIN, Rosana. Nem toda mulher quer ser mãe: novas configurações do feminino. Passo Fundo: UPF Editora. 2002.

SILVA, Carla da. 2011. A desigualdade imposta pelos papéis de homem e mulher: uma possibilidade de construção da igualdade de gênero. Disponível em:

http://www.unifia.edu.br/projetorevista/artigos/direito/20121/desigualdade_imposta.pdf Acesso em: Junho/2018

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In: *Mulher e Realidade: mulher e educação*, Porto Alegre, jul./dez. 1990.

SCAVONE, Lucila. Nosso corpo nos pertence? Discursos feministas do corpo. Volume 10, n. 2, p. 47-62, Ed. jan.-jun. 2012.

WERMUTH, Maiquel Ângelo Dezordi. NIELSSON, Joice Graciele. O Campo como Espaço da Exceção: uma Análiseda Produção da Vida Nua Feminina nos LaresBrasileiros à Luz da Biopolítica. *Prima Facie*, vol. 15, número 30, 2016. Disponível em: Acesso em: 20 março 2018.